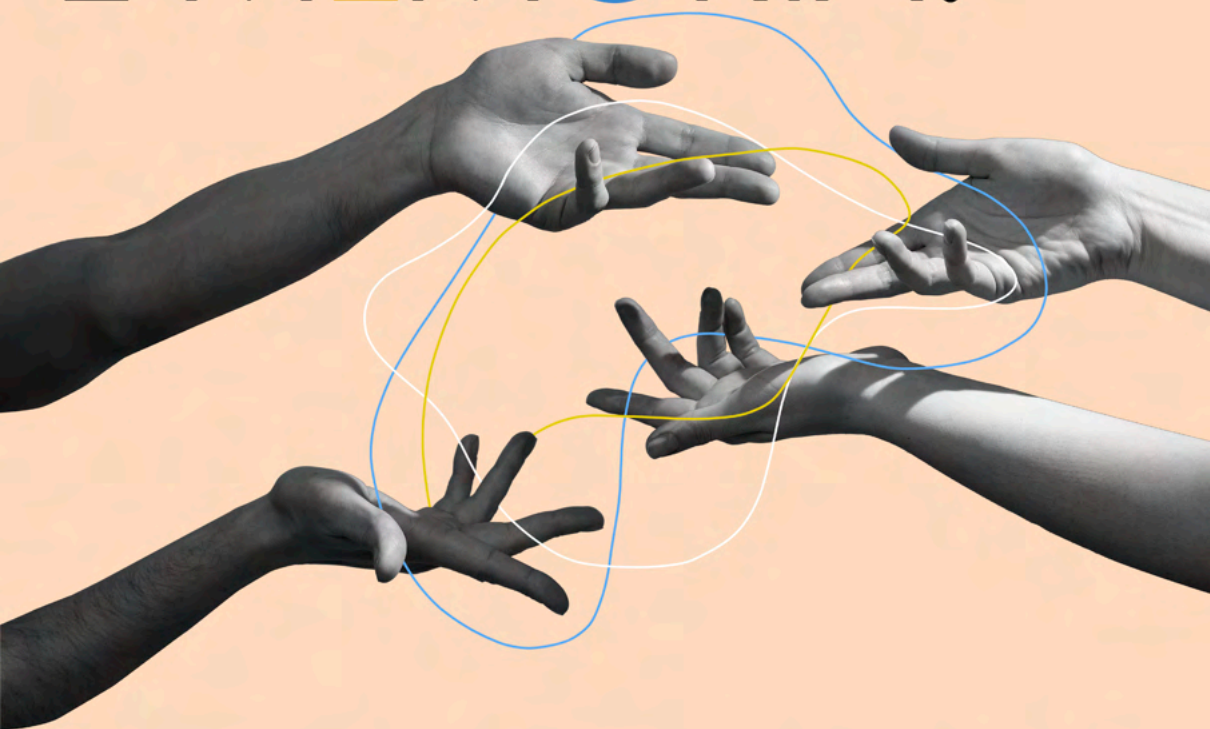


CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:



Manifestações e influência na atualidade

Edwaldo Costa
Rodrigo Daniel Levoti Portari
(Organizadores)


Ano 2021

CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:



Manifestações e influência na atualidade

Edwaldo Costa
Rodrigo Daniel Levoti Portari
(Organizadores)

**Atena**
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Cultura, sociedade e memória: manifestações e influência na atualidade

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Edwaldo Costa
Rodrigo Portari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Cultura, sociedade e memória: manifestações e influência na atualidade / Organizadores Edwaldo Costa, Rodrigo Portari. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-663-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.635212311>

1. Cultura. 2. Sociedade. 3. Memória. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Portari, Rodrigo (Organizador). III. Título.
CDD 306.098

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA




A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Este e-book são manifestações e influência da fecunda e complexa experiência humana na atualidade, vista aqui pelo prisma do tripé Cultura, Sociedade e Memória, novelo que dá título à obra. Com visão multidisciplinar, os artigos científicos elucidam a cultura numa abordagem abrangente, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que revela a diversidade cultural presente nos temas do cotidiano. Seguindo esse horizonte, são abordadas: arte e cultura na área da enfermagem de Pediatria do Hospital de Clínicas da Unicamp; o sagrado e a simbologia da benzedura; lutas e resistência na conservação da cultura folclórica; análise das obras com bonecas de Hans Bellmer e Gérard Quenum, a partir das questões de representação, infância, violência e sexualidade; Mia Couto: memória e 'tradução cultural' em O Último Voo do Flamingo; reflexões sobre as relações entre arte brasileira, meio-ambiente e as novas tecnologias; projetos culturais Guarani Mbya; a ressignificação e a remontagem de materiais com filmes do expressionismo alemão; a experiência formativa proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); inclusão e exclusão de pessoas com deficiência em contextos de preconceito na educação não formal; psicólogos/as e suas falas sobre jovens pobres: formação e práticas de exclusão social; abrigos de bondes em Salvador e; mulheres compositoras no Pará, recuperando suas identidades, práticas e produções artísticas. Ao longo dos doze capítulos que integram o e-book, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre cultura, sociedade e memória colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Um dos objetivos deste e-book é propor análises e fomentar discussões a partir de diferentes pontos de vista: político, social, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.

Edwaldo Costa
Rodrigo Portari

SUMÁRIO


CAPÍTULO 1	1
ARTE E CULTURA NAS ENFERMARIAS – A HUMANIZAÇÃO ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS CULTURAIS	
Geraldo José Camargo Celso Ribeiro de Almeida	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123111	
CAPÍTULO 2	3
A MÍSTICA E OS MITOS DA FLORESTA NA BENZIÇÃO AMAZÔNICA	
Deilson do Carmo Trindade	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123112	
CAPÍTULO 3	15
GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO: LUTAS E RESISTÊNCIA NA CONSERVAÇÃO DA CULTURA FOLCLÓRICA (MACEIÓ, 1990- 2020)	
Verônica Lopes dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123113	
CAPÍTULO 4	27
MIA COUTO: MEMÓRIA E ‘TRADUÇÃO CULTURAL’ EM <i>O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO</i>	
José Paulo de Lemos e Melo Cruz Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123115	
CAPÍTULO 5	44
O MANIFESTO PAU-BRASIL DEPOIS DA BIENAL INCERTEZA VIVA: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ARTE BRASILEIRA, MEIO-AMBIENTE E AS NOVAS TECNOLOGIAS	
Italo Bruno Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123116	
CAPÍTULO 6	55
PROJETOS CULTURAIS GUARANI MBYA: <i>PROAC INDÍGENA</i>	
Alzira Lobo Arruda Campos Marília Gomes Ghizzy Godoy Mônica Salles da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123117	
CAPÍTULO 7	71
REOLHAR DO MEDO	
Vitor Henrique Teodoro de Almeida	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123118	
CAPÍTULO 8	76
“PRECISA-SE” DE UM NOVO TRABALHADOR PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA	

ANÁLISE SOBRE A EXPERIÊNCIA FORMATIVA PROPOSTA NA BNCC

George Ivan da Silva Holanda

Gabriela Barbosa Guimarães

Suélen Keiko Hara Takahama

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123119>

CAPÍTULO 9..... 87

INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM CONTEXTOS DE PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Francisco Renato Silva Ferreira


Miguel Melo Ifadireó

Vanessa de Carvalho Nilo Bitu

José Willyam de Sousa Silva

Alyne Andrelyna Lima Rocha Calou

Cecília Bezerra Leite


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231110>

CAPÍTULO 10..... 95

PSICÓLOGOS/AS E SUAS FALAS SOBRE JOVENS POBRES: FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE EXCLUSÃO SOCIAL

Vladya Tatyane Pereira de Lira

Fatima Maria Leite Cruz


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231111>

CAPÍTULO 11..... 109

ABRIGOS DE BONDES EM SALVADOR

Manuella Araújo de Souza

Cybèle Celestino Santiago


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231112>

CAPÍTULO 12..... 122

MULHERES COMpositoras: CANÇÕES DA *BELLE ÉPOQUE* À PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX NO PARÁ

Dione Colares de Souza

Leonardo José Araujo Coelho de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231113>

SOBRE OS ORGANIZADORES 134

ÍNDICE REMISSIVO..... 135

CAPÍTULO 2

A MÍSTICA E OS MITOS DA FLORESTA NA BENZIÇÃO AMAZÔNICA

Data de aceite: 01/11/2021

Deilson do Carmo Trindade

Doutor e mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM

RESUMO: Na benção no interior da Amazônia não há separação entre corpo e espírito, havendo dessa forma uma ligação direta entre o homem e o divino. Para cada enfermidade sempre haverá uma jaculatória específica, em que o sagrado atuará combatendo os males que afligem o corpo e a alma. Para Pereira e Gomes (2002), são as benzedeadas que detêm a capacidade especial para a manipulação das forças do sagrado, e o domínio dessas forças não se dá sem nenhuma forma de iniciação das escolhidas pelo dom divino e sem a aceitação social de onde vivem. Na busca pela saúde por intermédio das benzedeadas que atuam em regiões longínquas, homens e mulheres encontram o alívio e cura para as suas dores, acreditando assim, no poder sacramentado da benção. A religiosidade é percebida a partir da dinâmica do sagrado contido na relação religiosa que envolve a benzedura através do chamado de Deus para o ofício da benção.

PALAVRAS-CHAVE: Benção; Religiosidade; Amazônia.

ABSTRACT: In Parintins, several aspects of the

faith and magic universe are intrinsically linked to the forest. This is not a discussion about ecological determinism, but a close connection that exists between the healer and nature in the field of the sacred, making them differ in part from the blessing of other regions of Brazil.

KEYWORDS: Benzedeadas; religiosity; Amazon.

1 | INTRODUÇÃO

Reconhecer o dom da benzedeadas atuante no interior da Amazônia é legitimar o ofício dado a ela por Deus do qual não deve se esquivar. É a significação sagrada da medicina popular que envolve o conhecimento de plantas e ervas na cura dos males, pois conforme Quintana (1999, p.55) “tanto as rezas como os chás somente adquirem um sentido, e, portanto, se tronam eficazes, quando inseridos no contexto do ritual. Fora dele, perde todo o seu poder, pois deixam de ser significantes e, então não vão poder operar mudanças no discurso do paciente”. E mesmo que esse ofício exija algum sacrifício, para as benzedeadas a prática da benção é interpretada como uma dádiva, que tem suas obrigações. Daí a conformidade com o sacrifício e a gratuidade na benção, pois “o dom para a benzedura não torna a benzedeadas ‘acima ou à margem’ das outras pessoas, mas lhe impõe uma sagrada missão: a de praticar a benção a quem procura e necessita” (SOUZA, 2002, p.100). É dessa forma que elas atuam no interior da Amazônia onde sua presença ainda

é bem visível.

Sua missão é confirmada por aqueles que procuram a benção como Amapola¹, ao nos dizer que: “a partir do momento que a benzeadeira começa a rezar, ela já assumiu também a sua missão” (entrevista 2010), isto confirma o caráter sagrado e o compromisso firmado, do qual a benzeadeira não deve fugir. Para Quintana (1999, p.81) “o poder, a força não estão, pois, na benzeadeira, nem numa outra pessoa determinada, nem numa habilidade aprendida; trata-se de algo de que ela poderá usufruir enquanto cumprir certos requisitos”. Daí o compromisso que cada uma tem com seu ofício, e no qual não se esquivam de cumprir.

A sacralização da benção na Amazônia profunda pode ser entendida pelo dom recebido que estabelece laço com o divino, associando a disponibilidade e dedicação que a benzeadeira deve ter com os que procuram, e esta disponibilidade é aceita quando Lírio deixa claro que: “a minha profissão é trabalhar em casa no atendimento aos necessitados” (ENTREVISTA 2010). Quintana (1999, p.81), afirma que “ao assumir a benzeadeira a obrigação de ajudar os necessitados através da benzedura, a entidade que lhe outorgou o dom fica, por sua vez, obrigada a ajudá-la no desempenho de suas tarefas”. Assim, a elas tem na sua prática o auxílio do divino que é reconhecido pela comunidade que vê nela uma pessoa especial.

2 | MATERIAL E MÉTODO

Para a realização deste trabalho fizemos uma abordagem a partir da história vista de baixo, utilizando o conceito de Thompson (2001), empregando a análise de dados empíricos de fontes orais. Assim sendo, as experiências das benzeadeiras do interior da Amazônia foram analisadas, buscando compor uma outra história e um novo contexto social local colocando no campo da pesquisa temas até pouco tempo negligenciados pela historiografia.

A história oral de vida foi o método utilizado para conduzir esta pesquisa, a partir da técnica da narrativa. Há de se considerar, porém, que ela possui algumas especificidades próprias, onde seguimos as orientações de Meihy (2005 p. 70), a partir do conceito de “comunidade de destino” delimitando dessa forma o grupo a quem se destina a pesquisa a partir das experiências que lhe dão identidade e tratamos a subjetividade das narrativas de acordo com Freitas (2001, p.59.), registrando a versão das benzeadeiras, suas representações, fantasias, autoimagens e silêncios, que foram importantes para compreendermos os acontecimentos lembrados ou esquecidos pois é neles que o narrador acredita e que são abstraídos pelo pesquisador.

Operacionalizamos as explicações de escolhas baseadas em Barth (2000), para

¹ A identidade de cada personagem entrevistado para esse artigo foi substituída por nomes de flores para que se mantenham suas privacidades.

quem, um sujeito ativo e racional, toma decisões – faz escolhas – de acordo com recursos materiais, cognitivos e culturais, disponíveis em todos os grupos e locais aos quais pertence, e também, com obrigações e limitações estabelecidas pelo meio pois “os comportamentos individuais não são mecanicamente determinados: eles refletem o uso que cada um faz da margem de manobra de que dispõem numa situação dada, do seu universo de possíveis”, como afirma Rosental (1998, p.159), ao justificar as inclusões e exclusões na pesquisa, e o estudo e a descrição das benzedeadas e suas práticas foram direcionados, a partir de Geertz (1989), que nos possibilitou a visualização da prática e do funcionamento da benção.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A benção é mais uma característica da religiosidade popular no interior da Amazônia, pois a cura é a ação do divino invocada pela benzedeadas através da palavra (oração), sendo esta religiosidade partilhada por muitas pessoas que acreditam no fenômeno que à primeira vista parece pertencer às classes subalternizadas que não tiveram acesso à educação e saúde, ainda que nesta seja mais recorrente. Isto é pouco verdadeiro na medida em que Lírio afirma ser procurada por todas as classes, ao afirmar que “o rico já tem procurado também a benção, essas pessoas que tem condições já tem me procurado” (ENTREVISTA/2010). É o que confirma também Hortência,

Até rico já veio aqui comigo. Veio um homem das bandas de lá (apontando para a cidade), um homem grande que veio numa moto grande, com a mulher e com duas filhas gêmeas aqui comigo, lá da frente, lá do centro da cidade e ele veio aqui comigo. Ele pediu para eu benzer e eu benzi. Estavam todas as duas crianças de quebranto, eram gêmeas e eu as benzi como ele pediu. (ENTREVISTA/2010).

Ao discutir a representação da cura popular, Minayo (1994), nos diz que a busca da cura, através de meios sobrenaturais, não é privilégio de nenhuma classe social no Brasil. Ela permeia todos os estratos de nossa sociedade, embora cada estrato tenha sua forma peculiar de dar significado às suas experiências e práticas. Por isso é comum as benzedeadas relatarem a procura de seus serviços por classes mais abastadas e fora de suas zonas de atuação.

Então crer no divino não é exclusividade das classes populares e rurais da sociedade que parecem buscar na divindade suprir suas privações que na maioria das vezes está relacionado com a omissão do Estado. Para Pereira e Gomes (2002, p.145) “o sagrado da cultura popular – tantas vezes menosprezado como superstição – é procurado, no entanto, como recurso de cura quando parecem esgotadas as possibilidades de tratamentos advindos da medicina científica”, pois para o enfermo, toda promessa de cura é válida.

Em comunidades agrárias acreditar nas benzedeadas independe de comprovação, da veracidade e da eficácia da benção, tudo é uma questão de confiança e fé. Para

Amapola “sem a fé não vai ter valor o que tá acontecendo ali” e complementa “se ele [quem precisa] não tiver fé ele não vem à benzedeira né?” (ENTREVISTA/2010). Assim, “as benzições são a prova da luta do homem contra suas próprias limitações” (GOMES e PEREIRA, 2004, p.19), pois os benzidos acreditam que as benzedadeiras são herdeiras de um conhecimento dado pelo sagrado para desfazer a desarmonia causada pela doença ou mal que se instalou no corpo do benzido.

A certeza da cura dos males onde em muitas comunidades rurais se busca primeiro a via tradicional, nos revela a confiança que se tem por parte dos que procuram as benzedadeiras e veem nelas a expressão do sagrado que é reforçado pelos em espaços criados por elas, as benzedadeiras, e consagrados aos santos de sua devoção, onde geralmente realizam seus trabalhos de cura, “eu benzo aqui no barracão de São Lázaro, aqui ele me ajuda. Nesse barracão aqui eu trabalho um pouco com ele” (LÍRIO, entrevista/2010). Assim, “a casa é o lugar mais expressivos dos espaços fechados: a consagração transforma quartos, salas e quintais em altares onde os rituais são realizados” (PEREIRA e GOMES, 2002, p.151), em muitas comunidades agrárias.

As explicações e tratamentos realizados pelas benzedadeiras do interior da Amazônia estão impregnados de simbolismo e sua complexidade vai além de credices ou superstições, revelando um ritual rico em procedimentos que são seguidos tanto pela benzedeira quanto pelo benzido. Para Gomes e Pereira (2004, p.60), “há toda uma simbologia presente nas fórmulas ou no processo ritual”. Como na benzição do quebranto descrito por Amapola que sempre buscou ajuda na benzedeira, ou na benzição da espinha na garganta quando é colocada uma espinha de peixe no cabelo da benzedeira e três debaixo de um prato que é rodado para a direita, ao mesmo tempo em que a benzedeira reza na garganta do engasgado para que a espinha saia. Ao explicarem essas benzições, Amapola e Hortência elaboram o seguinte quadro:

Eu benzo assim, se ta com a espinha na garganta, eu meto outra espinha no cabelo e mais três debaixo do prato. Aí eu rezo, eu rezo minha oração na cabeça e na garganta de quem engoliu a espinha pra ela descer. Eu rezo aqui na cabeça, e rezo também na garganta pra descer a espinha. A gente também roda o prato, vai benzendo e de vez em quando rodamos o prato. Três vezes o prato é rodado. Metermos a espinha no cabelo e ficamos rodando o prato. A gente benze a cabeça e aqui na estrela² da garganta pra descer a espinha, e ela desce em nome de Jesus. E se não descer eu benzo e repito de novo. (HORTÊNCIA, entrevista 2010).

No quebranto, funciona assim: se a criança não ficar boa no primeiro dia que é benzida. Ou seja, no primeiro dia se foi benzida e a criança não ficou boa, ela volta no segundo dia, e se novamente não ficar boa, a benzição vai até o terceiro dia, aí a criança fica boa realmente. Eu tinha muita fé pois quando a minha filha estava pequena eu ficava desesperada por que não sabia como tratar, então eu corria pra benzedeira benzer. (AMAPOLA, entrevista 2010).

² Para Hortência o corpo humano é comparado a uma estrela de cinco pontas: a cabeça, os braços e as pernas formam essas pontas.

Hortência, ao nos falar como Jesus deixou na terra a oração para tirar espinha de peixe da garganta, deixa transparecer em seu relato traços da tradição cristã como a caridade, o milagre, a recompensa pelas benevolências, o papel da mulher. A nossa entrevistada chama a atenção para o fato do compromisso que a benzedeira tem com o seu ofício, acreditando que o ofício é uma dádiva recebida diretamente de Deus e a ela confiada. Em seu relato ela nos diz o seguinte:

Naquele tempo andavam na terra Jesus e Pedro. Jesus andava na terra e ele convidou Pedro: 'Pedro, vamos lá em baixo, na terra?' E Pedro respondeu: 'vamos'. Saíram, quando chegou numa casa, Jesus disse: 'Pedro já é noite, vamos pedir agasalho aqui nesta casa, aqui na casa deste rico?'. Aí Jesus pediu agasalho e o dono da casa disse: 'Olha nós não podemos, nós não podemos dar agasalho porque tem muitas ervas lá na sala'. Então Jesus disse: 'vamos embora Pedro'. Lá mais em frente, numa outra casa ele disse assim: 'vamos naquela casa de pobre?'. Chegando lá ele pediu licença. Aí a mulher que estava na casa disse assim: 'nós não temos almoço, nós só temos essas batatas'. As batatas estavam cozidas e eles comeram, comeram da batata Jesus e Pedro. Aí chegou o dono da casa com peixe e comeram também. Jesus benzeu a casa durante a noite. Quando amanheceu o dia era uma casa linda, linda, mais muito linda mesmo. Aí os outros ficaram com inveja. Principalmente aquele que Jesus pediu hospedagem lá na primeira casa, ele ficou com inveja e disse: 'como que era uma cabana velha e agora é uma casa linda?' Aí foram embora dali, Jesus e Pedro foram embora. Neste instante a mulher do homem rico engole uma espinha, aquele que era mulher do dono da primeira casa. Então o marido dela foi embora à procura de Jesus e Pedro. Ele e seus empregados pegaram os cavalos e se mandaram atrás de Jesus e Pedro que já iam muito longe mesmo, já estavam assim muito longe. Aí não demoraram eles chegaram lá com Jesus e Pedro, e o homem disse: 'Ei, meu senhor, espera aí meu senhor, minha esposa engoliu uma espinha'. Aí Jesus disse assim: 'Vamos voltar Pedro', o homem tinha dito que a esposa dele tinha engolido uma espinha muito grande, e estava muito enrascada³. Aí todos voltaram de cavalo. Chegando lá, Jesus disse benzendo: 'Casa velha esteira rôta, homem bom mulher ruim, espinha por onde tu entraste por aí tu tens que sair'. Depois Jesus disse a mulher: 'pode fazer força'. E a espinha foi embora. Por que eles, Jesus e Pedro, foram lá na primeira casa e os donos não deram hospedagem, o homem queria dar, mais a mulher do dono da casa não queria que Jesus e Pedro ficassem lá. Assim que é a benzição da espinha. (HORTÊNCIA, entrevista 2009).

A volta circular dada no prato para o lado direito com a espinha de peixe no seu interior nos remete à simbologia do círculo. Para Gomes e Pereira (2004, p.61), "o círculo é a representação, por excelência, da ausência de divisão ou distinção: é a totalidade indivisa". É a circularidade, a volta ao ponto de partida, o retorno da espinha que está na garganta do benzido. "espinha por onde tu entraste por aí tu tens que sair", como reza Hortência.

O número três está sempre presente nos ritos de benzição, em todos os procedimentos da benzedeira, é um número cabalístico-sagrado, pois a bíblia está repleta

³ Alguém que se encontra em perigo ou apuros e precisando de ajuda.

de acontecimentos que expressam esse número: os sonhos interpretados por José no Egito falavam de três dias representados por três cachos de uvas e três pães; Daniel orava três vezes ao dia; Jonas ficou três dias no ventre do grande peixe; Pedro negou Cristo por três vezes; Jesus ressuscitou no terceiro dia após três anos de pregação; o apocalipse fala de três espíritos imundos saindo da boca de três personagens: o dragão, a besta e o falso profeta; Lúcifer levou consigo a terça parte dos anjos.

O número três também representa o complemento: A Santíssima Trindade é composta do Pai, Filho e Espírito Santo, assim como para os que acreditam, o homem é corpo, alma e espírito. A teologia reconhece que o número três é o símbolo de perfeição assim como o número sete e o número doze. Indica as coisas perfeitas do universo regido pelas forças do criador. A respeito desta simbologia numérica, Bethencourt (2004, p.136), nos diz que,

Se o espaço e o tempo estabelecem as condições de realização dos ritos mágicos, a simbologia do número estrutura e consagra grande parte dos ritos manuais e dos ritos orais. Em primeiro lugar aparece-nos o número três, que simboliza a superação da rivalidade latente contida no número dois, exprime a síntese, a ordem espiritual em Deus, no cosmo e no homem. O Deus trinitário cristão, que surge como o referente mais próximo das práticas recenseadas, simboliza justamente a perfeição da unidade divina.

Em todas as benzições é feito o sinal da cruz geralmente na cabeça e no corpo. Quando o benzido tem outra enfermidade como nos casos de ezipla e cobreiro, a cruz é gesticulada com um galho de vassourinha para expulsar a enfermidade. A benzição varia de acordo com a benzedeira, mas no contexto geral, seguem o mesmo trajeto dividido em três momentos: “A) O diálogo; B) A benção; C) As prescrições” (QUINTANA, 1999, p.56). Na costura da rasgadura podemos perceber que o ponto dado no pano que imita a carne rasgada é dado em forma de cruz. Lírio ao benzer também faz o sinal da cruz diz o seguinte: “eu benzo rezando na cabeça das pessoas, tirando a enfermidade, pedindo a Deus pra tirar aquela dor daquele benzido. E se for na mente, se for no coração, eu expulso tudinho com as palavras de Deus” (ENTREVISTA 2010). Hortência ao narrar a benzição do quebranto revela: “eu faço uma cruz assim. Uma cruz que a gente faz na cabeça da criança, na cabeça da criança e reza a oração do quebranto” (ENTREVISTA 2010), evidenciando o simbolismo da cruz na benzição.

A cruz foi instrumento usado no suplício de Cristo, pois “crucificaram Jesus com outros dois homens, um de cada lado e Jesus no meio” (João, 19:18), é para o cristianismo a indicação do caminho para a salvação que exige sacrifícios, “se alguém quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e me siga” (Lucas, 9:23). As benzedeadas unidas a Cristo pelo sacrifício realizam o sinal da cruz no benzido, e em algumas ocasiões em si próprias. Para Souza (2002, p.113), “na mentalidade popular a cruz está revestida de toda uma simbologia ligada principalmente à luta do bem contra o mal, pois se acredita que ela tem poderes de afugentar os seres diabólicos”. Compreendemos, portanto, o gesto de

expulsão da doença quando a benzedeira gesticula a cruz com o ramo de vassourinha na enfermidade. Gomes e Pereira (2004, p.63), lembram que,

O simbolismo da cruz – que se vê em inscrições do século XV a.C. – foi amplamente enriquecido no cristianismo, quando a história do rabi da Galiléia culminou com a morte do Deus na cruz. Símbolo quaternário divinizado, a cruz é o sofrimento e a redenção, representando a vitória da morte sobre a vida. A perseguição tornou-se o sinal do cristão, que se protege contra o mal contra o mal cruzando a testa, a boca e o peito.

O saber tradicional se completa com a simbologia existente na relação entre a benzedeira, os objetos e rituais da benção. Além disso, percebemos o simbolismo em alguns procedimentos como de Hortência que conhece a eficácia de suas orações contra temporais e tempestades chegando a afirmar que quando é de seu interesse que esses fenômenos da natureza não aconteçam, invoca em suas orações o seu desejo, retardando ou mudando o tempo, ou Girassol, que reza o responso, um procedimento caracterizado pela oração para recuperar coisas perdidas ou saber de algo oculto na qual se obtém a resposta através de sonhos.

O uso de plantas é um componente constante na benção no interior da Amazônia. As plantas estão também presentes nos procedimentos que levam o emprego de ramos na intermediação da cura. Segundo Gomes e Pereira (2004), as plantas têm o poder de energizar o homem ajudando na restauração de seu equilíbrio. “A cura do quebranto é assim, a benzedeira pega um pezinho de vassourinha, uma plantinha que nasce aí no quintal, e começa a benzer a criança, se a plantinha murchar, ela estava com quebranto” (AMAPOLA, entrevista 2010), sendo depositárias das energias negativas recebida do benzido.

As plantas também estão presentes na preparação de chás, banhos e unguentos: “eu passo chás, chá de cidreira, chá de folha de capim cheiroso. Quando é para doença mais grave eu passo chá de arruda e dou com copaíba, é assim” (GIRASSOL, entrevista 2010). “As plantas por si só têm a capacidade de afugentar os males que rodeiam os homens, os animais [em especial os domésticos] e as próprias plantas, como: alho, arruda, pinhão roxo, entre outros” (SOUZA, 2002, p.115). O uso de vegetais como amuletos de proteção do corpo também é comum entre as benzedeadas do interior, como diz uma das mulheres ouvidas: “a gente também benze com alho, benze a criança, a pessoa, a gente faz assim: bate o alho e fica benzendo a pessoa” (Girassol, entrevista 2010). No cotidiano do interior amazônico também é comum o emprego de ervas e plantas medicinal pelas classes populares, para preparos de banhos terapêuticos como podemos observar no quadro abaixo.

Banho de casca de Taperebá	Convém para lavar a genitália feminina para que não perca sua elasticidade.
Banho de casca de manaiara	Tomado para sarar coceiras e irritações cutâneas.
Banho de casca de Carapanaúba	Serve para banhar pessoas feridas ajudando na cicatrização.
Banho de casca de murapuama	Banho dado para ajudar crianças a andarem mais depressa.
Banho de casca de jutaí	Combate as viroses ajudando na recuperação.
Banho de casca de catamary	Serve para tirar o aborrecimento de quem o toma.
Banho de casca de uixí	Convém para lavar e perfumar a genitália feminina.
Banho de casca de castanheira	Tomado por pessoas que apresentem o mal-estar provocado pela gripe.
Banho de folha de chama – cheirosa	Para que a criança seja bem querida por todos os amigos e familiares.
Banho de folha de mão – aberta	Feito para atrair a sorte nos negócios e conseguir dinheiro.
Banho de folha de sacaca	Banho preparado para espantar os maus espíritos e desfazer a malinesa do boto.
Banho de folha de pião – roxo	Preparado para proteger o corpo de toda maldade exterior.
Banho de folha de cachorrinha	Esse banho é dado em quem deseja ter seu amor por perto.
Banho de folha de Jaca	Dado em crianças que sofrem de insônia para que possam dormir bem.
Banho de folha caída	Banho feito com folhas que caem das árvores para amansar a criança.
Banho de folha de manjericão	Banho recomendado para comerciantes fazerem bons negócios.
Banho de folha de cuia-mansa	Preparado para banhar crianças que tem o hábito de chorar demasiadamente.
Banho de folha de juquirí	Serve para sossegar crianças que tem um comportamento agitado.
Banho de folha de mucuracaá	O banho espanta e protege o corpo contra todo tipo de mal.
Banho de folha – chama	Tomado para atrair todo tipo de sorte e trazer felicidade.
Banho de folha de cipó-alho	Protege o corpo da criança contra a inveja e o mau-olhado.
Banho de cragirú	Banho dado em mulheres de parto para a cicatrização.
Banho de araticum	Dado em pessoas para neutralizar feitiços e judiação.
Banho de folha de limão	Esse banho serve para aliviar e prevenir gripes e resfriados.

Banho de farinha de mandioca	Feito para acalmar crianças bravas ou de comportamento manhoso.
------------------------------	---

Tipos de banhos e suas prescrições

Fonte: pesquisa de campo 2010.

Várias plantas têm uso específico na benção, pois de acordo com as benzedadeiras existe uma planta a ser usada em cada procedimento, ajudando desta maneira na construção do simbolismo e na caracterização da benção. Percebermos nas casas das benzedadeiras uma variedade de plantas usadas na benção, as quais são cultivadas no jardim da residência, em latas que enfeitam as paredes da casa ou no quintal, próximo a cozinha. Conservar estas plantas por perto se faz necessário, pois as plantas são instrumento de neutralização do mal (GOMES e PEREIRA, 2004). Os vários procedimentos em que exigem o uso de uma planta específica podem ser notados na explicação de Hortência ao dizer que,

Pra benzer quebranto é assim, é vassourinha, pra benzer ezipla é a folha de pião roxo, ou então a faca pra cortar ela assim, a gente benze cortando. Pra cobreiro é a mesma coisa, vassourinha, que também é usada na criança que tá muito doente de quebranto, com o cocô muito verdinho. A gente benze com a palha da beira da casa, mas somente com a beira da casa da gente. Só se Benze se for com a palha da beira da casa da gente. (ENTREVISTA/2010).

Nesta descrição notamos um componente novo fruto da dinâmica da benção que incorporou elementos regionais e do cotidiano das populações tradicionais da Amazônia, “A gente benze com a palha da beira da casa”, a palha que Hortência se referiu em sua fala é palha de curuá⁴, muito usada ainda hoje para fazer a cobertura das casas em Parintins. Nesse tipo de benção é retirada uma folha de palha que cobre o canto direito da casa da benzedeira, “a beira da casa da gente”, com o qual se benze a criança com sinal da cruz e fazendo as orações específicas. Ao término da benção a folha da palha de curuá que foi utilizada, é lançada pela benzedeira em direção ao pôr-do-sol. Além das folhas, as cascas de árvores também estão presentes no preparo de banhos prescritos pelas benzedadeiras de acordo com cada necessidade. É o que nos mostra o quadro a seguir:

Banho de casca de Taperebá	Convém para lavar a genitália feminina para que não perca sua elasticidade.
Banho de casca de manaiara	Tomado para sarar coceiras e irritações cutâneas.
Banho de casca de Carapanaúba	Serve para banhar pessoas feridas ajudando na cicatrização.
Banho de casca de murapuama	Banho dado para ajudar crianças a andarem mais depressa.

⁴ É o nome popular de origem indígena de uma palmeira da família das arecárias e suas folhas são bastante utilizadas pelas populações tradicionais.

Banho de casca de jutaí	Combate as viroses ajudando na recuperação.
Banho de casca de catamary	Serve para tirar o aborrecimento de quem o toma.
Banho de casca de uixí	Convém para lavar e perfumar a genitália feminina.
Banho de casca de castanheira	Tomado por pessoas que apresentem o mal-estar provocado pela gripe.
Banho de folha de chama – cheirosa	Para que a criança seja bem querida por todos os amigos e familiares.
Banho de folha de mão – aberta	Feito para atrair a sorte nos negócios e conseguir dinheiro.
Banho de folha de sacaca	Banho preparado para espantar os maus espíritos e desfazer a malinesa do boto.
Banho de folha de pião – roxo	Preparado para proteger o corpo de toda maldade exterior.
Banho de folha de cachorrinha	Esse banho é dado em quem deseja ter seu amor por perto.
Banho de folha de Jaca	Dado em crianças que sofrem de insônia para que possam dormir bem.
Banho de folha caída	Banho feito com folhas que caem das árvores para amansar a criança.
Banho de folha de manjerição	Banho recomendado para comerciantes fazerem bons negócios.
Banho de folha de cuia-mansa	Preparado para banhar crianças que tem o hábito de chorar demasiadamente.
Banho de folha de juquirí	Serve para sossegar crianças que tem um comportamento agitado.
Banho de folha de mucuracaá	O banho espanta e protege o corpo contra todo tipo de mal.
Banho de folha – chama	Tomado para atrair todo tipo de sorte e trazer felicidade.
Banho de folha de cipó-alho	Protege o corpo da criança contra a inveja e o mau-olhado.
Banho de cragirú	Banho dado em mulheres de parto para a cicatrização.
Banho de araticum	Dado em pessoas para neutralizar feitiços e judiação.
Banho de folha de limão	Esse banho serve para aliviar e prevenir gripes e resfriados.
Banho de farinha de mandioca	Feito para acalmar crianças bravas ou de comportamento manhoso.

Tipos de banhos e suas prescrições

Fonte: pesquisa de campo 2010.

Embora a farinha de mandioca não seja um vegetal em si, mas subproduto dele, ela se enquadra no contexto devido a importância que tem a farinha que é consumida diariamente. A farinha é extraída da raiz da maniva, a mandioca, planta muito cultivada na

Amazônia para alimento básico da população. Há, então, na Amazônia esse elemento do cotidiano incorporado à benção. E para os que acreditam, esses mecanismos utilizados pelas benzedoras em suas prticas tm sua eficcia, pois, “s com o entendimento do fenmeno da benedura, que podemos perceber que esse tipo de prtica no que apenas composto de credices e simpatias” (SOUZA, 2002, p.116), fazendo parte do cotidiano de muitos lugares.

Outro elemento regional, a rede de dormir, comum nos lares amaznicos, tambm aparece na narrao de Hortncia quando falou sobre uma das visitas que Jesus e So Pedro fizeram a terra. Percebemos que a compreenso que se tm do cu, que uma concepo do interior amaznico, pois tanto Jesus como Pedro desatam suas redes que estavam estendidas no paraíso, colocam nas costas e viajam para a terra, comprovando a influncia da cultura local na benção, diferenciando dessa forma a benzedora e seus procedimentos de outros lugares do pas.

4 | CONCLUSÃO

As prticas de benção so revestidas de uma simbologia entrelaada ao sentido das coisas da vida, do cotidiano vivido, dentro de um sistema coerente de significados. As benzedoras do interior da Amaznia tornam-se guardiães da palavra e do saber mgico, elaborado ao longo do tempo, a partir da transmisso e conhecimento de suas prticas. A cura e alvio dos males proporcionado pela benção s se realiza quando, benzedora e benzido, esto dispostos a seguir os critrios e normas de uma linguagem e ritual bem especfico e influenciado pela natureza e cultura local. Que assim que se caracteriza a benção na Amaznia profunda, com seu simbolismo e referncia ao sagrado, atuando no combate aos males que afligem as pessoas na imensido da regio.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variaes antropolgicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginrio da magia: feiticeras, adivinhos e curandeiros em Portugal no sculo XVI**. So Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FREITAS, Snia Maria. **Histria Oral: Procedimentos e Possibilidades**. So Paulo: Humanitas, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretao das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Nbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura atravs da palavra**. 2. ed. Belo Horizonte. Mazza Edies, 2004.

MEIHY, Jos Carlos Sebe Bom. **Manual de histria oral**. 5. Ed. So Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Representações da Cura no Catolicismo Popular**. In: Alves, Paulo Cesar (Org.). Saúde e doença: Um olhar antropológico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

PEREIRA, Edimilson de Almeida e GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Flor do não esquecimento: cultura popular e processos de transformação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura: mau – olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Baurú: EDUSC, 1999.

ROSENTAL, Paul André. **Construir o “macro” pelo “micro”: Fredrik Barth e a micro história**. In: REVEL, Jacques (org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. **A benzedura: da descoberta do dom à legitimação**. In: AGUIAR, Edinalva Padre (org.). **Recortes de memórias: cultura, tradição e mito em Vitória da Conquista e região**. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista; UESB, 2002.

THOMPSON, Edward P. **A História Vista de Baixo**. In: THOMPSON, Edward P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. São Paulo: UNICAMP, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abrigos de bondes em Salvador 109
Art déco 109, 110, 111, 113, 114, 116, 121
Arte 1, 2, 16, 22, 23, 24, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 57, 72, 74, 75, 85
Arte brasileira 44, 45, 49
Arte e cultura 1
Atualidade 15, 67, 98, 131

B

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 76, 77, 85
Benedura 3, 4, 13, 14
Benção 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13
Bienal 44, 45, 49, 50, 51, 52, 54
Bienal de São Paulo 44, 49, 50, 51, 52, 54
Bienal Incerteza Viva 44, 50, 52

C

Cancioneiro feminino 122, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 131, 132
Canções da Belle Époque 122
Cinema 58, 71, 72, 73, 74, 75
Conservação da cultura folclórica 15, 25
Cultura 1, 3, 5, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 30, 41, 45, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 79, 84, 85, 86, 99, 107, 121, 127, 128, 132, 133
Cura 3, 5, 6, 9, 13, 14

D

Desenvolvimento social 87, 90
Desporto aquático 87, 88
Deus 3, 7, 8, 9, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 68
Divino 3, 4, 5, 33, 34, 64, 65

E

Educação adaptada 87
Educação não formal 87, 88
Emmanuel Lévinas 27, 38

Enfermaria 1

Enfermaria de pediatria 1

Estado de Alagoas 15, 16, 18, 19, 22, 24

Exclusão 21, 83, 85, 87, 89, 91, 95, 105, 106, 107, 128, 129, 133

Experiência formativa 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Expressionismo alemão 71, 75

F

Formação de psicólogos 95, 103

G

Grupo Arte Única 1, 2

Guerreiro 15, 16, 19, 21, 22, 25, 26

Guerreiro Alagoano 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26

Guerreiro São Pedro Alagoano 15, 22, 25

H

Hospital de Clínicas da Unicamp 1

Humanização 1, 2

I

Inclusão 55, 59, 66, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 119, 131

Influência 13, 25, 46, 47, 58, 82, 113

Interior da Amazônia 3, 4, 5, 6, 9, 13

J

Jacques Derrida 27, 34

Jorge Menna Barreto 44, 45, 50, 52

Juventude pobre 95, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108

L

Linguagens arquitetônicas 109, 111

M

Maceió 15, 19, 22, 25

Manifestação 15, 16, 18, 19, 22, 24, 25, 32, 73

Manifestação artística 15, 24

Manifesto Pau-Brasil 44, 51

Meio-ambiente 44, 45, 47, 51, 52

Memória 15, 22, 24, 25, 27, 38, 58, 63, 66, 68, 101, 109, 113, 123, 132

Mulheres compositoras 122

N

Neocolonial 109, 110, 111, 112, 121

Novas tecnologias 44, 45, 49, 50, 52, 111

Novo trabalhador 76

P

Pará 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133

Pediatria 1

Pessoa com deficiência 92, 93

Políticas públicas 25, 55, 56, 57, 64, 66, 67, 77, 83, 84, 86, 89, 94, 97, 98, 99, 100, 105, 106, 107

Práticas de exclusão social 95

ProAC Indígena 55, 56, 57, 60, 61, 63, 66, 69, 70

Projeto Vivências Culturais 1

Psicólogos 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

R

Reolhar do medo 71

Representações sociais 95, 97, 99, 100, 101, 104, 105, 107, 108

S

Sagrado 3, 4, 5, 6, 7, 13, 34, 40, 49, 63, 64, 65

Simbologia 6, 7, 8, 9, 13

Sociedade 3, 5, 15, 16, 17, 18, 23, 25, 50, 52, 56, 59, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 105, 106, 131

Sociedade brasileira 76, 77, 105

Sulpício 27, 29, 31, 36, 39, 40

T

Teatro Municipal de São Paulo 44, 46

Tradução cultural 27

W

Walter Benjamin 27, 32, 33, 34, 36, 76, 77

Z


Zeca Andorinho 27, 29, 31, 35, 36, 37, 39, 41

CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:




Manifestações e influência na atualidade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

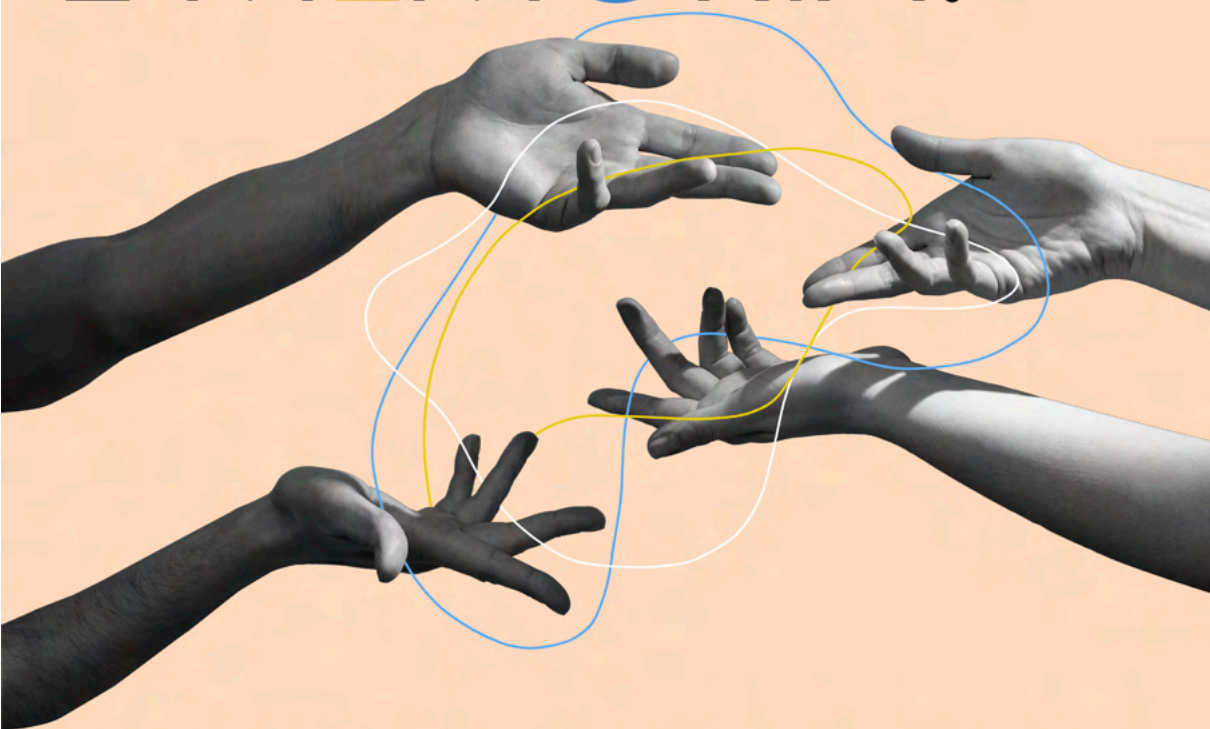
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora


Ano 2021

CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:



Manifestações e influência na atualidade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021